



SABERES COLETIVOS E PRÁTICAS CULTURAIS: OFICINAS DE PRODUÇÃO DE VASILHAS DE BARRO EM CONTEXTOS AMAZÔNICOS – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jackson G. de Almeida¹; Marcelo B. Vicente²; Messias C. Gomes³; Raimundo Fagner F. Brito⁴; Reinaldo Benedito N. Azevedo⁵; Andréa de S. Mendonça⁶; Pedro Campelo de A. Júnior⁷; Tiago B. Pereira⁸; Célia Maria S. Eleutério⁹

¹ jgda.qui19@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

² mbv.bio16@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

³ mcg.qui21@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

⁴ rffb.qui21@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

⁵ rbna.qui21@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

⁶ andrea.mendonca@seducam.pro.br

Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC/AM)

⁷ pcjunior@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

⁸ tbpereira@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

⁹ cserrao@uea.edu.br

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

Palavras-Chave: Formação Inicial, Extensão Universitária, Saberes Tradicionais

Introdução

A Amazônia, reconhecida por sua rica biodiversidade e diversidade cultural, enfrenta desafios significativos que demandam soluções inovadoras e sustentáveis. Nesse contexto, a extensão universitária emerge como uma estratégia fundamental para a formação docente e a promoção de saberes coletivos, permitindo que as instituições de ensino superior se conectem de maneira efetiva com as comunidades locais. Ao integrar práticas sustentáveis no processo educativo, a extensão universitária não apenas fortalece a formação dos docentes, mas também valoriza os conhecimentos tradicionais e as experiências vividas pelas populações amazônicas.

Este estudo vem corroborar o papel da extensão universitária como um espaço de diálogo e intercâmbio, onde a educação transcende os muros da academia e se torna um veículo de transformação social, cultural e ambiental. Através dessa abordagem, buscamos compreender como as práticas sustentáveis podem ser incorporadas na formação docente, promovendo uma educação que respeite as especificidades e o potencial da região amazônica.

Nesse contexto, os saberes coletivos — conhecimentos tradicionais acumulados por comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e outros grupos — despontam como recursos valiosos para a promoção de práticas sustentáveis. É importante destacar que, quando esses saberes são discutidos e contextualizados tanto na academia quanto fora dela, têm o potencial de ultrapassar as fronteiras disciplinares, atuando como instrumentos para a valorização e o respeito às diferenças socioculturais (SANTOS e QUINTEIRO, 2018). Portanto, é essencial estabelecer uma comunicação comum que promova a igualdade, mesmo diante das diversidades que nos conduzam ambientes distintos.

Na visão de Almeida (2001), os saberes coletivos não devem ser considerados como não científicos, nem inferiores ou associados a mitos cuja veracidade é questionada. Ao contrário, esses



saberes representam um valioso patrimônio cultural, que abrange experiências, práticas e conhecimentos acumulados ao longo de gerações. Eles possuem um valor intrínseco capaz de contribuir significativamente para a construção de soluções sustentáveis e para a compreensão de realidades locais. A valorização exclusiva da ciência moderna nos espaços formais de aprendizagem estimula a exclusão desses saberes, impedindo a materialização de processos pedagógicos dialógicos (QUINTEIRO e FONSECA, 2018).

Tratar os saberes coletivos com respeito e legitimidade é uma questão de justiça social e de reconhecimento dos direitos das comunidades que os detêm. Essa valorização é essencial para preservar e respeitar a herança cultural e o conhecimento acumulado por essas comunidades. Além disso, ao integrar esses saberes nas práticas educativas, de pesquisa e extensão, estamos potencializando as comunidades de participarem ativamente em processos que impactam suas vidas e ambientes. A conexão entre saberes acadêmicos e coletivos pode gerar um diálogo significativo, enriquecendo tanto a ciência quanto as práticas comunitárias e promovendo um desenvolvimento mais sustentável e equitativo (FREIRE, 2021).

Ressaltamos que as atividades desenvolvidas no Projeto “Práticas sustentáveis desenvolvidas a partir dos saberes coletivos: a Extensão Universitária como estratégia de formação docente e cultural em contextos amazônicos”, vinculado ao Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Extensão Universitária – PADEX, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, foram apoiadas nos princípios das Diretrizes para a Extensão no Ensino Superior Brasileiro (BRASIL, 2018) e no Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2027 – PDI (UEA, 2023). Esses documentos estabelecem que as atividades de extensão sejam integradas às propostas curriculares do ensino formal e à pesquisa científica. Ressaltam que a integração deve ocorrer de maneira inter e transdisciplinar, com um viés político, educacional, cultural, científico e tecnológico. As atividades realizadas devem fomentar o diálogo entre as instituições de ensino superior e os diversos setores da sociedade, promovendo a produção e a aplicação do conhecimento em uma articulação contínua com o ensino e a pesquisa.

De acordo com Luzzi (2003), precisamos incorporar a dimensão ambiental por meio de um “diálogo de saberes”. Esse diálogo, que envolve a interação entre o conhecimento popular (saberes coletivos) e o científico, resultará em um conhecimento novo, enriquecido pela circularidade de ambos e essencial para o processo pedagógico devido à sua natureza dialógica. Essa abordagem não apenas valoriza as experiências e as práticas da comunidade, mas também enriquece a formação acadêmica, promovendo uma educação mais inclusiva e contextualizada. Ao integrar essas diferentes formas de conhecimento, cria-se um ambiente propício para a reflexão crítica e a ação consciente, essenciais na formação de cidadãos comprometidos com a sustentabilidade e a justiça social.

Material e Métodos

Para sustentar o Projeto de Extensão “Práticas Sustentáveis e Saberes Coletivos: A Extensão Universitária como estratégia de formação docente e cultural em contextos amazônicos”, consideramos como abordagem filosófica a fenomenologia que se apresenta adequada para explorar as experiências vividas e os significados atribuídos pelos participantes. A fenomenologia busca compreender a essência dos fenômenos a partir da perspectiva daqueles que os vivenciam.

A ênfase recai sobre a subjetividade, sempre em busca do significado e do sentido dos fenômenos (SURDI, 2008).

Essa investigação direciona-se à essência do cada fenômeno (os sujeitos, os modos, as formas e etapas de produção das vasilhas de barro). A fenomenologia pode ser compreendida tanto como um método quanto como uma perspectiva que orienta a pesquisa, descrevendo a realidade ou os fenômenos de maneira intuitiva, utilizando os sentidos. O objetivo dessa descrição é expressar a natureza essencial das coisas percebidas, priorizando os aspectos subjetivos, com o sujeito sempre em destaque, uma vez que é sua consciência que atribui significados aos fenômenos.

Como este estudo envolve a compreensão de contextos específicos (comunidades tradicionais) e das interações sociais, optamos pela pesquisa qualitativa por nos permitir explorar as percepções, opiniões e experiências dos participantes de maneira detalhada (MINAYO, 2016). Para atender aos princípios desta abordagem nomeamos a observação participante como técnica de coleta de dados.

Para responder aos objetivos do estudo e sustentar o procedimento técnico, empregamos a pesquisa etnográfica e o estudo de caso pelo fato de trabalharmos com as descrições das práticas tradicionais realizadas em três comunidades do baixo Amazonas. Essas abordagens e métodos combinados possibilitaram uma compreensão rica e detalhada das práticas e dos saberes coletivos, além de destacar a importância da extensão universitária como estratégia de formação docente e cultural.

No projeto de extensão, foram planejadas dez oficinas para serem realizadas ao longo do período destinado ao projeto. No entanto, neste relato, apresentamos os resultados da oficina “Produção das vasilhas de barro”, fundamentada na pesquisa etnográfica que segundo Mattos e Castro (2011), é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais. Além disso, esta técnica possibilita inserir os atores sociais como participantes ativos no processo de coleta de dados e nas oficinas etnográficas. Os resultados foram contextualizados e socializados na academia.

Resultados e Discussão

Os saberes coletivos estão enraizados nas culturas e contextos locais, refletindo uma visão holística das interações entre humanos e o ambiente — uma perspectiva frequentemente ignorada ou subestimada pela ciência moderna. Reconhecer a validade dos saberes coletivos é uma forma de promover a diversidade epistêmica, ou seja, a coexistência de múltiplas formas de conhecimento, o que é fundamental para uma compreensão mais completa e inclusiva do mundo (SANTOS, 2004). Com base nessas e outras informações apresentamos os lugares onde parte das atividades de extensão foram realizadas.

A Comunidade São Paulo do Açú situada às margens do Igarapé-Açú, no Rio Andirá município de Barreirinha, é conhecida por suas práticas tradicionais, incluindo a produção de vasilhas de barro (Figura 1), processo influenciado pelas técnicas e conhecimentos das comunidades indígenas locais (SILVA e ROCHA, 2018).

Figura 1 – Visita à Comunidade São Paulo do Açú – Oficina de produção de vasilhas de barro



Fonte: Arquivo pessoal dos autores

Durante a visita, os bolsistas do projeto tiveram a oportunidade de conhecer o processo de fabricação das vasilhas de barro. Na imagem 1, observamos um torno feito de madeira, utilizado para moldar algumas peças cerâmicas. Dona Giney, a ceramista mais experiente da comunidade, explicou que esse torno foi parte de um projeto comunitário, mas acabou sendo pouco utilizado, pois as ceramistas não se adaptaram ao equipamento, levando à sua eventual obsolescência.

Após a visita, os bolsistas realizaram uma pesquisa e descobriram que o torno é um equipamento específico para a modelagem de peças cilíndricas ou redondas, mas requer muita prática para dominar a técnica. O processo envolve centralizar uma quantidade determinada de argila e moldá-la a partir de um disco que gira em uma velocidade controlada pelo ceramista (Figura 2).

Figura 2 – Modelagem do barro utilizando o torno



Fonte: Imagem adaptadas pelos autores

Na Comunidade de São Paulo do Açú, as ceramistas produzem peças ainda bastante rústicas (veja imagens 2, 3, 4 e 6). Elas utilizam uma mistura de 50% de barro e 50% de caraipé (material do tipo de cimento) (Silva *et al.*, 2014a), o que torna as peças mais pesadas, dificultando a queima, realizada em fornos do tipo caieiras (imagem 5), utilizando lenha seca. A resina da jutaica é aplicada como verniz para impermeabilizar as vasilhas, sendo passada enquanto as peças estão quentes (FEIJÓ, et al., 2016)

A técnica de modelagem de peças cerâmicas com o torno é bastante utilizada em Icoaraci, no estado do Pará, onde o artesanato e a cerâmica são realmente famosos e possuem uma rica tradição artesanal. Os artesãos locais utilizam técnicas de modelagem no torno para criar peças únicas que refletem a cultura e a história da região. A cerâmica de Icoaraci é reconhecida por suas influências das culturas indígenas marajoara, tapajônica, maracá e cunani (MELO *et al.*, 2012). Cada peça conta uma história, seja através dos icônicos pássaros regionais ou das figuras que retratam a fauna e a flora da Amazônia.

Outras Comunidades visitadas pelos participantes do projeto foram: Agrovila São João e Comunidade São Tomé (Distrito de Mocambo Arari), localizadas no município de Parintins-AM. Nessas duas comunidades a confecção de vasilhas de barro é bastante significativa (Figura 3).

Figura 3 – Oficinas de produção de vasilhas de barro na Comunidade São Tomé e Agrovila do Mocambo



Fonte: Acervo pessoal dos autores e das ceramistas de Mocambo do Arari

Durante a visita às comunidades de Mocambo e São Paulo do Açú, os bolsistas do projeto observaram uma diferença nas técnicas de confecção das vasilhas de barro. As ceramistas de Mocambo não utilizam o caraipé na mesma proporção que as ceramistas de São Paulo do Açú. As artesãs, que já participaram de várias formações, compreenderam que o caraipé é usado na mistura do barro para diminuir sua plasticidade, evitando que a peça cerâmica trinque ou quebre durante a queima, que pode atingir temperaturas de aproximadamente 600°C.

O trabalho das ceramistas de Mocambo do Arari tem preservado por muitos anos as tradições das técnicas ameríndias, que foram transmitidas de geração em geração. As peças produzidas pelas artesãs são comercializadas não apenas na própria comunidade, mas também nos municípios de Parintins e Urucará, na cidade de Manaus e até na Itália. Essa ampla distribuição demonstra que a técnica de manufatura das vasilhas de barro não apenas agrega valor econômico, mas também desempenha um papel vital na perpetuação da cultura e identidade do povo

mocambense (ELEUTÉRIO, 2015; BORGES, 2017). Além disso, a troca cultural proporcionada pela venda em diferentes locais contribui para a valorização da arte local e para o reconhecimento das habilidades tradicionais, fortalecendo a autoestima da comunidade e garantindo a continuidade desse legado cultural.

Para que outras pessoas pudessem participar do processo de produção das vasilhas de barro, foram organizadas duas oficinas na academia: uma para os estudantes e outra para os professores. A professora Andréa Mendonça (imagem 1) é uma professora da educação básica, formada em Química, possui um vasto conhecimento sobre a técnica de produção desses artefatos cerâmicos. Além da professora, trouxemos também a senhora Glaucia Caldeira, ceramista da Agrovila de Mocambo, para conduzir a oficina com os professores envolvidos no projeto (Figura 4).

Figura 4 – Oficinas de produção de vasilhas de barro com estudantes



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Bem antes da realização das oficinas com os estudantes de Química, a professora que ministrava a disciplina História da Química já havia verbalizado que a história de qualquer sedimento argiloso começa com a decomposição de feldspatos ou outros minerais aluminossilicatados, resultando na formação de argilominerais (Al, Mg, Fe, Ca e K), entre outros (SILVA *et al.*, 2024).

O estudo realizado por Silva *et al.* (2014b) sobre o teor de alumínio em argilas utilizadas na produção de vasilhas de barro no município de Parintins/AM, revelou algumas curiosidades interessantes. No passado, para identificar a qualidade do barro adequado para a fabricação de vasilhas, os indígenas adotavam métodos tradicionais, como provar o barro e misturá-lo com ossos de animais, pedaços de cerâmica e rochas vulcânicas.

Durante a oficina realizada com os professores diretamente envolvidos no projeto, bem como com outros docentes interessados em aprofundar seus estudos sobre essa prática tradicional (Figura 5), a ceramista Glaucia Caldeira demonstrou aos professores a importância de cada etapa na produção das vasilhas de barro. Ela destacou que nem todo tipo de barro é adequado para a modelagem de peças cerâmicas. O barro precisa ser extraído a aproximadamente um metro de

profundidade, pois o barro precisa estar isento de matéria orgânica como folhas, galhos e pedras. Além disso, o barro deve estar seco, ou seja, precisa perder a água residual, o que geralmente leva mais de 15 dias de secagem. Após esse período, o barro é tratado e desfragmentado para ser peneirado, garantindo que esteja adequado para uso na modelagem das vasilhas.

Figura 5 – Oficinas de produção de vasilhas de barro com professores



Fonte: Acervo pessoal dos autores

A ceramista explicou que o processo de preparação do barro envolve várias etapas essenciais, como a limpeza manual para remover impurezas visíveis, a amassagem para eliminar bolhas de ar e a modelagem cuidadosa para dar forma às peças. Após a modelagem, as vasilhas passam por um período adicional de secagem antes de serem queimadas em um forno, o que solidifica e fortalece a cerâmica. Durante a queima, que ocorre em temperaturas controladas, as vasilhas adquirem resistência e durabilidade. Esse processo também pode influenciar a cor e a textura final das peças, dependendo da composição do barro e das condições do forno. A ceramista enfatizou que cada etapa do processo é fundamental para garantir a qualidade e a longevidade das vasilhas de barro.

Conclusões

O estudo que envolveu os "Saberes Coletivos e Práticas Culturais: oficinas de produção de vasilhas de barro em contextos amazônicos" revelou a interface entre a cultura, a identidade e a sustentabilidade nas comunidades amazônicas. As oficinas de produção de vasilhas de barro não apenas revitalizam técnicas tradicionais, mas também promovem um espaço de troca de conhecimentos e preservação da cultura local, permitindo que novas gerações se conectem com suas raízes e aprendam a valorizar a tradição de seus antepassados.

Além disso, essas práticas culturais têm um papel fundamental na economia local, promovendo a valorização de produtos artesanais e impulsionando formas de subsistência que respeitam o meio ambiente. O reconhecimento da importância do barro como material não só para

a produção artística e utilitária, mas também como elemento simbólico e sagrado, evidencia a necessidade de políticas públicas que incentivem e apoiem essas manifestações culturais.

Em síntese, o estudo destaca a relevância das oficinas de produção de vasilhas de barro como espaços de resistência cultural, de aprendizado comunitário e de promoção da identidade amazônica. Encoraja-se a continuidade desse tipo de iniciativa, que não apenas preserva o patrimônio cultural, mas também gera um impacto positivo nas relações sociais e na valorização do modo de vida amazônico, assegurando que os saberes coletivos continuem a fluir e a se transformar de geração em geração.

Agradecimentos

As ceramistas das Comunidades São Paulo do Açú, São Tomé e Agrovila de Mocambo. Aos professores e estudantes que participaram das oficinas e à senhora Gláucia Caldeira pela valorosa colaboração como o Projeto de Extensão.

Referências

- ALMEIDA, M. C. X. **Complexidade e cosmologia da tradição**. Belém: EDUEPA, UFRN/PPGCS, 2001.
- BORGES, K. V. O. **As Mulheres Ceramistas do Mocambo: a arte de viver de artefatos ambientais**. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas, 2017.
- BRASIL. Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. **D.O.U** n. 243, 19.12.2018, Seção 1, p. 49 e 50, Brasília, dez. 2018.
- ELEUTÉRIO, C. M. S. **O Diálogo entre Saberes Primevos, Acadêmicos e Escolares: potencializando a formação Inicial de Professores de Química na Amazônia**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Cuiabá, 2015.
- FEIJÓ, M. C. C. *et al.* Jutaicica - resina natural da Amazônia: indicativo para estudo de polímeros no Ensino Médio durante o Estágio Supervisionado. **Anais**. XVIII Encontro Nacional de Ensino de Química, 25 a 28 de julho de 2016, Florianópolis - Santa Catarina, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** (Edição especial). Ed.: Paz e Terra; 1. ed., setembro 2021.
- LUZZI, D. “A ‘ambientalização’ da educação formal: um diálogo aberto na complexidade do campo educativo”. In LEFF, E. (coord.). A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 178-2.
- marajoaras: empoderamento e identidade na cidade de Belém. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, 2011.
- MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.
- MELO, D. J.; MONÇÃO, V. M.; SANTOS, M. G.; OLIVEIRA, L. C.; AZULAI, L. C. O. Descendentes dos MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 1. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 96.p, Série Manuais Acadêmicos. n. 43: 191 - 210, setembro/outubro/novembro/dezembro 2012.
- QUINTEIRO, M. M. C.; FONSECA, L. C. **Saberes tradicionais e o desafio da multiculturalidade nas instituições de ensino**. In: SANTOS, M. G.; QUINTERO, M. (Orgs.), Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 148-167.
- SANTOS, B. S. **A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 120)
- SANTOS, M. G.; QUINTERO, M. (Orgs.) **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.
- SILVA, J. C.; ROCHA, J. M. **História e memória da Agrovila São Paulo do Açú: um olhar a partir da trajetória de vida de Benedito Antônio da Silva Barreirinha/AM**. Repositório Institucional da Universidade do Estado do Amazonas, maio de 2018.



SILVA, R.L. *et al.* Argila calcinada em substituição à casca do caraipé (*Licania scabra*) na produção de vasilhas de barro: uma alternativa sustentável. **Anais**. 54º Congresso Brasileiro de Química, Natal: Rio Grande do Norte, novembro de 2014.

SILVA, R.L. FEIJÓ, M. C. C.; ELEUTÉRIO, C. M. S.; PEREIRA, D. S. **Estudo da influência do teor de alumínio em argilas utilizadas para a produção de vasilhas de barro - Parintins/AM**. Trabalho de Iniciação Científica – PAIC, Universidade do Estado do Amazonas, Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, 2014.

SILVA, S. L.; NOBRE, J., C. N.; FREITAS, A. D. G.; SANTOS, H. M.C. Estudo da composição química e microbiológica das argilas de uso cosmético em Manaus. **Revista Foco**, Curitiba: PR, v.17, n.1, e4175, p.01-15, 2024.

SURDI, A. C. **A Fenomenologia como fundamentação para o movimento humano significativo**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, fevereiro de 2008.

UEA. **PDI** – Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2027. Organizador: André Luiz Nunes Zogahib. 1.ed., Manaus (AM): editora UEA, 2023. 379 p.